



PARA SEMPRE II

Camila sofreu muito em toda sua vida. Primeiro, a pobreza, a miséria na vida que levava com os pais no sítio. Depois a mudança para a cidade, Dourados, um lugar bonito, bom para se viver, mas com pessoas cada vez mais apressadas, que já não reparam nas dificuldades de adaptação de um recém-chegado. Em seguida, veio a solidão, a luta pela sobrevivência, o desemprego, o desespero.

Mas, tudo na vida são fases, e Camila acreditou que todo aquele sofrimento havia passado, que as suas condições melhoraram muito e ela poderia se considerar vitoriosa e feliz. Arrumou emprego na clínica de um médico respeitado, onde ganhou bastante experiência em controles financeiros e no relacionamento com pacientes e convênios médicos. Encontrou o homem da sua vida, Roberto, aquele que fazia acabar a solidão, que dava apoio e que sempre pensou no futuro dos dois. É claro, que nem tudo eram rosas, o dinheiro nem sempre dava, os pais passavam dificuldades no sítio e ainda sofriam com o avanço da idade e as doenças que sempre vêm com os anos, e ainda tinha os ciúmes exagerados do namorado.

Foi nessa época que uma tragédia aconteceu, Camila já desconfiava que Roberto a pediria em casamento, e justamente no dia que iria fazê-lo, Roberto sofreu um grave acidente e veio a falecer. Neste dia, Camila ficou sem chão. Ela não achava que era a hora de casar, e se sentia insegura, mas perder o namorado de maneira tão trágica e de forma tão inesperada deixou-a totalmente perdida.

Camila participou de todas as homenagens ao namorado, sofreu profundamente com a família dele. Depois tentou levar a vida. Continuar trabalhando era a melhor hipótese, garantiria o sustento e serviria como uma terapia para esquecer o que aconteceu, ou pelo menos não lembrar a todo o momento.

Nos primeiros dias, Camila padeceu pelo sentimento, pela solidão. Mas com o tempo, outras necessidades se fizeram sentir. Roberto ajudava-a com dinheiro que servia para pagar as despesas do mês e ajudar os pais a comprar pelo menos os remédios. Agora, o dinheiro nem dava para as despesas da própria casa. Em um dia cortaram a luz, no outro quase foi despejada por não pagar o aluguel. A comida era só o básico, e roupas, nem pensar em comprar. Camila decidiu que era hora de arrumar outro emprego, à noite.

Uma lanchonete da cidade aceitou-a para o trabalho de garçonete. Camila não ficou muito animada, pois a fama de prostíbulo do lugar era conhecida em toda a cidade. Porém, a necessidade e a escassez de emprego eram tamanhas, que Camila sentia-se obrigada a aceitar. O salário não era muito, mas já pagava o aluguel.

Já no primeiro dia, Camila ficou assustada com o ambiente. Homens depravados, solteiros e casados, buscavam por prazer. As garotas eram praticamente expostas e insinuavam-se para conseguir os clientes que aparentemente tinham mais dinheiro a oferecer. Camila sentia-se humilhada por permanecer num ambiente daquele.

Os dias foram passando, e Camila descobriu que a vida daquelas garotas que vendiam ali o seu corpo, o seu respeito e a sua dignidade havia sido muito conturbada, algumas apanhavam em casa, outras não tiveram oportunidade de estudar, outras ainda haviam sido mimadas demais, e jamais tinham pensado em trabalhar e aquela era uma forma de ganhar dinheiro fácil. Mas o dinheiro não era tão fácil assim, os riscos eram muitos. Vez por outra, algumas delas apanhavam dos clientes, eram sempre desrespeitadas,



e jamais vistas como pessoas pela sociedade, sem contar os riscos para a saúde. Era um preço muito alto a se pagar....

Um dia, um homem já de meia idade, à procura de “carne nova”, chamou Camila até sua mesa e pediu para que ela se sentasse. Ela informou que não poderia, pois tinha outras mesas a servir. Ele insistiu, Camila não se sentou, e perguntou o que ele desejava. Ele disse com todas as letras que gostaria de conhecê-la melhor, e que pagaria muito bem por isso. Camila sentiu o rosto enrubescer, ela ficou irada. Quase aos prantos gritou que ela não fazia programa, e que gostaria que o seu trabalho fosse respeitado, e que se ele quisesse que procurasse uma daquelas garotas que estavam ali sempre à disposição. Ao dizer isso, Camila afastou-se, correu para dentro da lanchonete e começou a chorar.

O dono da lanchonete, já acostumado com estas reações, nem deu atenção à garota, pelo contrário, dirigiu-se ao cliente que havia feito a proposta pedindo desculpas pela grosseria da funcionária. O senhor de meia idade, que identificou-se como Paulo (provavelmente apenas um nome falso), disse que estava disposto a remunerar muito bem, não só a garota, como também o estabelecimento, afirmou que esperaria o tempo que fosse necessário para que o charlatão convencesse aquela menina a sair com ele, e que ele pagaria muito mais que o salário de um mês de trabalho apenas em uma noite.

Camila apenas observou a conversa, e na sua ainda inocência diante do que a ambição, principalmente de um charlatão, era capaz de fazer, imaginou que o dono estaria apenas tentando não perder mais um cliente, e que com certeza arrumaria uma das outras garotas que estavam à disposição da casa. Que engano!

O dono da lanchonete entrou, informou à Camila que ela poderia ir pra casa, esquecer do ocorrido e voltar a trabalhar no dia seguinte. Disse que aquele era um acontecimento comum, porém já havia sido contornado, informou que não queria ofendê-la, mas o dinheiro oferecido poderia ajudá-la neste momento, pois ainda tinha a energia elétrica cortada, não podia alimentar-se direito, nem ajudar aos pais, e que aquele dinheiro garantiria o pagamento de todas as contas do mês, informou também que não poderia adiantar para ela a metade do salário que ela havia pedido naquele mês para comprar o remédio do pai.

Mesmo sentindo-se ofendida, Camila não disse nada, pegou sua bolsa e foi embora. Ao chegar em casa, completamente no escuro, tomou um banho frio e jogou-se na cama. Apesar de estar cansada, não conseguia dormir. Pensava em não voltar mais naquele trabalho, mas depois pensou em quantas coisas faria se tivesse aquele dinheiro que lhe havia sido oferecido: compraria os remédios do pai, pagaria o aluguel, e daria uma entrada para renegociar suas dívidas numa loja de móveis da cidade. Tudo aquilo ela conseguiria apenas numa noite. Seria tão ruim assim? Talvez, não. Uma noite passava rápido. Ninguém precisaria ficar sabendo, seria só daquela vez, depois ela já se estabilizaria quanto ao dinheiro. Mas não queria ser uma prostituta, mulher da vida, e tantos outros nomes chulos que ela ouviu durante toda a sua existência sobre aquelas mulheres que ganhavam seu sustento realizando os desejos dos homens. Se não fosse isso, como quitaria suas dívidas? E assim, Camila adormeceu.

No dia seguinte, aquele homem, Paulo, estava novamente na lanchonete. Camila nem teve coragem para encará-lo, tentou fugir de todas as formas para não atendê-lo, porém não teve jeito, num descuido ela sentiu que alguém puxava seu braço. Era ele, pediu para ela não se assustar, ele só queria que ela não pensasse mal a seu respeito, e que preferia ser



atendido por ela. Camila surpreendeu-se com esta atitude, havia achado-o tão arrogante, porém hoje estava bem mais simpático, ela sorriu e disse que serviria-o, e assim o fez até de madrugada quando ele foi embora pouco antes da lanchonete ser fechada.

Camila acabava de sair da lanchonete, de onde iria à pé até sua casa, pois naquela hora não havia ônibus, um moto-táxi cobraria muito caro, e não morava tão longe assim, foi quando ouviu um barulho de carro aproximando-se. Era Paulo, que não tinha ido embora, e sim, esperava por ela. Disse que gostaria de lhe oferecer uma carona e que ela não poderia andar sozinha a uma hora daquelas. Ela aceitou, e ficava se perguntando se deveria submeter-se àquela proposta da noite anterior, e lembrava-se de suas dívidas, e lembrava-se de seus pais, dos princípios que lhe ensinaram, e decidiu que esperaria a iniciativa dele.

O homem nem sequer perguntou onde ela morava, começou a conversar com ela, e rodar pela cidade. Andaram por algumas ruas desertas e pararam em frente ao motel. Ele olhou para Camila em busca de um olhar ou alguma outra ação que reprovasse a sua entrada, mas Camila não reagiu, enquanto jurava para si mesma que seria somente aquela vez, sem lembrar-se que muitas daquelas garotas que conheceu na lanchonete já lhe haviam confidenciado que no começo de tudo imaginaram que seria apenas uma vez.

E entraram.

Denise Ferreira Chimirri
26/08/2006